

O REBATE

ORGAN DOS ESTUDANTES OPPOSITIONISTAS

TIRAGEM:—8.000 EXEMPLARES

A Revolução

« Em qualquer assumpto é livre a manifestação do pensamento pela imprensa »

(Const. art. 72 § 12.)

O sr. Floriano Peixoto, ascendendo ao poder, prometteu restaurar as leis. A exultar de jubilo, alçou o povo os olhos, que reviam gratidão profunda, ao valente soldado. Todos eram accordes em que a republica, para definitiva consolidação e plena efficacia, só requeria a mais severa e estricta observancia das leis. Eis o alvo, a que deviam convergir todos os esforços. Eis a méta, a que os patriotas bem intencionados alongavam com ancia olhares de esperança. Por isso, Floriano Peixoto, ao iniciar o seu governo, foi saudado em harmoniosa consonancia de applausos: concentrava em si os anhelos da patria, porque promettera desaffrontar a constituição sopeada e dar-lhe aquella força e magestade, a que se devem dobrar todos os potentados e magnates.

Mas como cumpriu o vice-presidente a promessa feita com tanta solemnidade?

Ainda resoavam os applausos da nação; ainda aos pés lhe ondeavam entusiasticas as multidões; ainda o não desfitára o mundo policiado, e já o rude e bellicos soldado tinha a lampear-lhe na dextra a espada!

Audaz e decidido, franco e soberano, inicia elle o movimento das deposições.

Por entre as bayonetas federaes descem do poder os presidentes, cabisbaixos, humilhados, tidos como trahidores, apontados como infames. Os doestos e apodos, a que serviam de pábulo os depositos, e as aclamações dos pedintes e ambiciosos, que se acercavam dos usurpadores triumphantes, eram como hymnos funebres entoados á beira da cova, a que o dictador arrojava a independencia dos Estados e os brios dos novos presidentes!

Mas, estará morta a independencia dos Estados? Mas, dormirão sepultos os brios dos novos presidentes?

Floriano, pisando a dignidade riograndense, volta contra o seio da patria as armas fraticidas. E Castilhos exulta com a omnipotencia do centro, e o avassallamento do seu Estado!

Floriano, pisando a dignidade santacatharinense, instiga a opposição, e a auxilia com as armas federaes e derriba o governo. Dada a lição, restabelece o deposito.

Floriano, pisando a dignidade de S. Paulo, enxota do poder a Americo Brasiliense. Afim de se mostrar agradecido, Bernardino de Campos, *legalizando INCONSTITUCIONALMENTE* o seu acto com o assentimento da sua colonia—o congresso paulista, abre o erario publico, franquea-o largamente para a hecatombe de irmãos!

Não exemplifiquemos. Não citemos mais. Cada presidente *acclamado* tudo sacrifica aos pés de quem os elevou, a honra, a dignidade, o civismo, e mais que que tudo isso, a independencia estatal.

Floriano recebeu, em retorne das deposições, uma vergonhosa prova de gra-

tidão dos interessados do corpo legislativo: por uma singular hermeneutica, os representantes da nação o mimosearam com o alto cargo de chefe supremo do paiz! Antes, porém, deste facto, alguns generaes, firmando-se no direito de petição, lembraram respeitosaente ao sr. Floriano Peixoto a eleição presidencial.

Irado, phrenetico, o dictador, a uma petição legal, responde com a reforma dos generaes. A lei lh'as assegurava, mas a lei era para os amigos do governo e para o seu chefe uma como impudica messalina. E aos prejudicados foram arrancadas as fardas, e elles, chorando a deshonra da republica, clamaram em vão!

Com tantos crimes ainda se não contentara o dictador. Queria provar como o povo brasileiro, quando manietado aos pés da tyrannia, é covarde, é inactivo, é submisso a ponto de oscular as algemas que lhe arroxeam os pulsos.

Decreta o vice-presidente estado de sitio. Suspensos os direitos constitucionaes, arrasta do lar, dentre os braços dos seus, a illustres cidadãos. As familias, alongando o olhar saudoso pelo mar, desesperam-se com a violenta separação dos seus chefes, que a dictadura atirará para longe. E lá no desterro estilariam elles lagrymas de dor e vergonha pelas desditas da patria!

Floriano Peixoto, para patentear que a constituição, que assegura cargos inamoviveis, não resiste á sua omnimada vontade—demitte lentes victalicios, ferindo assim os mais sagrados direitos.

Os pobres cidadãos, despatrocina-

e remetidos para o Rio Grande. A constituição proíbe o recrutamento, mas a constituição é letra morta.

Em vão os filhos reclamaram os paes, as mulheres os esposos, as mães os filhos.

Pobres brasileiros ...

O vice-presidente, abatendo os representantes da nação, decreta a fusão do Banco do Brazil com o Banco de Republica; auctoriza a emissão de *bonus* para auxilio ás industrias.

Feridos os cidadãos em seus direitos, a quem hão de pedir justiça? Ao vice-presidente da republica? Mas é elle o oppressor! Ao poder legislativo? Mas os seus membros, irresponsabilizando a Floriano, é como se lhes bradassem—avante! Ao poder judiciario? Mas os membros do supremo tribunal, em numero de 8, tremulos deante do dictador, abandonaram as victimas, com o haverem com antecedencia combinado sentenças

A quem recorrerá o povo?

A's armas, já que a lei deixou de imperar. A revolução é um recurso de legitima defesa. Não a faz ninguém. Nasce da oppressão e da miseria. Eis a origem da revolução brasileira promovida pela armada. Ser hoje neutro é forrar-se á gloriosa lucta, que se inicia. Adepto das idéas revolucionarias, surge *O Rebate*. Defenderá sem medo a causa da liberdade. Franco, sincero, independente, dirá todas as verdades com coragem, com lealdade, com audacia. Os redactores d'*O Rebate* assignam os artigos, porque não—se furtam á responsabilidade de seus actos.

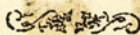
Se sahir apenas o 1º numero d'*O Rebate*, saiba o povo que já não ha liberdade de pensamento. Violados todos os direitos constitucionaes, avulta-se o dever de todos os cidadãos de reconquistal-os á força.

Se a victoria coroar os esforços da armada, terrível ensinamento terá recebido mais um despota. Se, porém, a dictadura vencer, Floriano Peixoto, empolgando a prêa e antegosandolho as angustias, exclamará de certo como aquelle barbaro aos romanos:

AI DOS VENCIDOS!

E os vencidos serão todos os brasileiros.

A. CELSO GARCIA.



JUSTA CAUSA

Os ultimos acontecimentos, que têm tido por theatro a barra da cidade do Rio de Janeiro, são uma verdadeira reacção do despotismo do chefe supremo da nação, ao aniquillamento do seu governo, que hoje, impotente e vacillante, lucta com as mais terriveis crises.

A armada nacional, sempre patriótica e vigilante, sempre amiga da estricta observancia das nossas leis, tantas vezes dictatorialmente violadas, não pode conformar-se com os erros, com o menosprezo á liberdade do cidadão, com a misera politica governamental, sem que, unida e poderosa, levantasse o seu protesto de indignação contra o actual governo, que a tudo avilta, que a tudo deturpa, que a tudo aniquilla!

A esta hora o telegrapho já terá transmittido a todos os pontos do Brazil noticias da attitude hostil da armada insurgida.

O sr. Custodio de Mello, militar destimido e disciplinado, e chefe do movimento revolucionario, no seu expressivo manifesto disse que a armada queria apenas a *reconquista da legalidade*.

O sr. Floriano Peixoto, responsavel directo da anarchia que se estende a todas as classes sociaes, e do precioso sangue que tem regado o territorio da nação, deve estar satisfeito com a consequencia dos actos illegaes que tem praticado.

O sr. Floriano Peixoto, concentrando em si todo o poder, atassalhando o nome da Republica, substituindo sempre o direito pela espada dictatorial, proclama-se dictador, e de lá de sua cadeira curul arroga desmedido poder, como Luiz XIV, que dizia: *O Estado sou eu!*

Mas a armada, convencendo-se de que a voz da opposição no congresso federal era um elemento moral que não podia offerecer uma franca reacção; convencendo-se de que a responsabilidade do presidente da Republica é um mytho e não uma disposição constitucional, levanta-se, arma-se e diz: *Basta!*

E o povo brasileiro, desesperado diante da tyrannia, da prepotencia, da ameaça, tambem bradará em alta voz, como um illustre tribuno: *A liberdade*

não se pede de joelhos, conquista-se com a espada.

Para que se prove ser a lucta, que se vai ferir, uma lucta de ambição de poder e mando, seria necessario que se não conhecessem a constituição e os actos do sr. Floriano.

Para a ordem, para o dominio da lei, para a liberdade dos cidadãos, para a victoria da Republica, só deve appellar o povo, não á constituição, que não existe, mas para as armas!

...



Chroniqueta

Os leitores, os carissimos leitores, já viram em algum tempo uma cousa assim?

Pois, não viram, vejam:

Não ha muito era grande a minha satisfação de academico, de estudante daquelle sumptuoso e tradicional templo de Minerva, cujas sacrosantas arcadas...

Sim; era em demazia enorme a satisfação em que me achava desde os cabellos até aos pés.

Era o caso, digno de louvores: a mocidade de S. Paulo, com banda de musica á frente, fazendo-nos ouvir com entusiasmo o estrugir dos rojões, que ininterruptamente listravam de fogo o ar, dirige-se em massa ao Grande Hotel.

Era uma manifestação ao dr. Seabra, o deputado intelligente que o Floriano quiz enxotar da Academia do Recife.

Tive occasião de ver sahir das milhares de boccas dos manifestantes discursos inflammados, rubramente revolucionarios.

Um delles, que da tribuna *tratou com ardor da reivindicção dos brios academicos*, promettera ao nobre representante da Bahia ao Congresso Federal que a Academia adheria á sua causa, porquanto era a causa dos opprimidos, «a causa das victimas do poder tyrannico da espada do sr. Floriano, deste dictador que em má hora a patria col-

locou na alta cadeira de presidente da Republica » !

Outro, mais entusiasta ainda, disséra que « estava prompto a derramar o seu sangue pela lei, pelo dr. Seabra, porque sem lei, etc. e tal carapuças » !

Houve, após a explosão dos *béstias*, lauto banquete offerecido aos manifestantes, que, coitados, já tinham ex-gottado o dictionario de adjectivos sanguinarios em discursos contra o marechal lá de cima.

Oh! como eu (lembro aos leitores que não fiz discurso essa noite dormi bem, enrolado em quentes cobertores, sonhando em cousas da China e do Japão!

« Oh! estava tão satisfeito !... »

Hoje, porém, estou damnado !...

Os que adheriram á causa do dr. Seabra, os que adheriram á resistencia legal dos estudantes do Recife, os que quizeram beber o sangue do Bento Bueno (o nhônô do governo), os que foram hontem desattendidos pelo sr. Bernardino, os que não souberam cumprir a promessa de reivindicação,—sentaram praça, arranjaram espingardas picapaus, e vão offerecer os seus braços de Napoleão ao Floriano, a quem tanto atacaram !

Consta-nos á ultima hora que o Bento Bueno vai como commandante do improvisado batalhão academico.

BABOLIN.

TYRANNO

Si Luiz XIV disse que o Estado era elle proprio, o actual vice-presidente da Republica disse e fez mais do que isso, porque reduziu a nação ás condições de um feudo.

O valeroso monarcha, que tão remontados serviços legou ao povo francez, não pôde por isso mesmo merecer os apodos que a posteridade lhe faz pensar sobre o nome. Elle foi um benemerito.

Pôde-se dizer o mesmo do marechal Floriano Peixoto ?

Pode-se estabelecer paralelo entre a

tyrannia de um talento perspicuo e a prepotencia de um soldado estúpido ?

A consciencia responde negativamente.

A previdencia dos factos fez bem até certo ponto quando intervallou entre a administração do soberano francez e a catastrophe sanguinolenta de 1789 um periodo de fermentação, de onde havia de surgir a moderna França livre e sem macula.

Não ha, porém, de acontecer o mesmo ao merechal—verdugo que esmaga e arpoa o coração da minha patria.

Esse homem, para quem liberdade, democracia e independencia não passam de meras figuras de rhetorica, militar esse desbriado que a custa de sangue e lama tenciona firmar, os alicerces de uma demagogia repellente, não deve, não pôde, não ha de permanecer na cupola superna desse edificio administrativo, onde residem as molas principaes do mecanismo institucional e onde só tem direito de se assentar os homens serios e dignos.

Floriano Peixoto é um cadaver.

Sua sepultura—miserrima sepultura !—cavou-a elle mesmo a repetidos golpes de trahição, crueldade e impericia ignava.

Si elle tem ainda a lhe zumbir em torno do nome a zoada de uns elogios funebres é que tambem os grandes carcascos da humanidade não conseguiram sequito objecto dos cortejos e dos famulos, a rabearem após si.

Tiberio e Heliogobalo foram considerados mais do que imperadores—deuses.

Henrique XVIII era mais que um dalai-lama. E o proprio *Incitatus*, si fóra consul, teria a cauda dos servos e dos lictores o cortejalo -nos actos solemnes.

Suffocado por uma tyrannia dolorosa, cheia de desgosto para o presente, sobre carregado de incertezas sombrias para o futuro, este paiz implorava, no seu infeliz mutismo de reprobato, a caridade de um heróe que o salvasse.

Protestos appareciam por toda parte.

O operario tinha fome de pão; o cidadão tinha fome de liberdade; mas o homem-harpya, o vice-presidente da Republica, oh! esse tinha sede de sangue.

Percevejo humano, esse brasileiro degenerado não ouviu jamais, a gritaria desesperada das suas victimas. Cada bocca que se abria para protestar correspondia a uma cova mortifera que se escancarava. Ao pedido de paz correspondia o mandado da morte.

Quem nos havia de salvar ?

Que braço de ferro debellaria esse sangrento leão da Neméa ?

Era essa afflieta interrogação das almas brasileiras.

A rude nevoa dos desanimos encouraçava já o meu coração de patriota: o indifferentismo, limite funereo da vergonha, imperava em todas as consciencias.

Entretanto, num relampejo subito, a esperanza renasceu e o patriotismo despertou do seu somno nostalgico.

A Armada Brasileira, os gloriosos soldados da passagem de Humaytá, revoltaram-se.

Em um impeto soberbo de coragem e de abnegação civica, esses typos da valentia thebana, desfilaram frente a frente no campo da honra, para, em nome de nossos direitos suprimidos e de nosso brio achincalhado, intimar o despotismo a suspender a espada fratricida com que elle ha torturado, a constituição e a liberdade dos seus conterraneos !

Bem dita seja a marinha nacional.

Nella repousa a confiança plena dos filhos desta terra. Na sua nunca desmentida bravura aguardam os brasileiros a reivindicação das humilhações que têm soffrido.

E ao passo que no dominio da historia lhe reserva a justiça o logar brilhante de salvaguardadora das leis, o dictador resvalará, junto dos posteros, para esse prostibulo negregado, onde como testemunhas da fragilidade humana, figuram os espectros reaes dos imperadores da decadencia romana.

Oxalá, entretanto, que, vencedora a revolta de 6 de Setembro, seja o marechal Floriano Peixoto o homem designado para neste paiz fechar o cyclo dos despotas e dos exploradores !

S. Paulo, 13 de Setembro de 1893.

ADOLPHO ARAUJO.

SONHO

Era uma nação abatida...

Numa das suas circumscrições, galhofeiramente denominada—Estado, imperava um semi-deus, vindo doutras regiões. Popular outr'ora pela seriedade e nobreza de idéas, tornara-se invicto apostolo. As suas palavras filtraram ao coração dos opprimidos, raios de esperanza, porque elle evangelizava a liberdade. E os opprimidos, lactados com essas palavras, estendiam tristemente os

olhos á Canahann, que preluzia ao longe, e para onde desfiriam o vôo gárrulas esperanças...

Era uma nação abatida...

Um dia cáe o rei e a realeza.

E vem um militar... e outro militar...

O primeiro, aureolado de cans, é arastado pelos bulhões revolucionarios... e morre maldizendo a farda...

O segundo, sagaz e sanguinario, proclama-se dictador. Cançado um dia de soffrer, o povo alça a frente ferida e esbofetada, a coruscarem-lhe sinistra-menteos olhos

Era uma nação abatida...

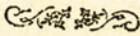
Numa das suas circumscrições, galhofeiramente denominada—Estado, imperava um semi-deus, vindo d'outras regiões. As rajadas das facções haviam atirado ao sólio. Imperava, quando o povo, cançado de soffrer, alçara a frente ferida e esbofetada...

Era uma nação abatida...

Nella reinava um padre-eterno... e o povo queria derribal-o... E o semi-deus, uma noite sonhava que o padre-eterno caíra...

—E eu, monologou-elle, proclamarei a independência da minha circumscrição, fundarei um Estado e serei o primeiro presidente, o immortal fundador de uma republica, cuja bandeira será estrellada de grãos de guro...

A. RUSPICE.



MANIFESTO

Os abaixo assignados, academicos de S. Paulo, individualmente considerados como cidadãos brasileiros, não se podem conservar mudos e inactivos nestes torvos dias, em que a patria a seus filhos exige um sacrificio. Futuros homens da justiça, que de suas mãos terão os mais sagrados direitos, sob a sua salvaguarda estará amanhã a lei. Eis porque não podem pelejar ao lado do governo, que substituiu o poder da lei pelo poder de um homem. Outro acto dos futuros juizes, legisladores e advogados seria a prova mais cabal de que no porvir, caso periclite o direito, haveriam de estar ge-

nuflexos diante da dictadura, deixando indefensas e desamparadas as victimas, que lhes extendessem supplices as mãos. Floriano Peixoto não pesassem tantos crimes.

A revolução promovida pela armada é a lucta da lei contra a espada. Para que a revolução tivesse por alvo a caudilhagem, seria mister que sobre a cabeça de

Os defensores da dictadura assacam ao povo duros insultos: se dobra a cerviz, é covarde, imprestavel, servo; se se levanta, é desordeiro, revolucionario, anarchico, implantador da caudilhagem.

A revolução é para os povos opprimidos um como recurso de legitima defeza. E' tão natural como no mar a tormenta, como no sólo o terremoto, como no ar a tempestade.

Por isso, a revolução brasileira não se origina da ambição de mando, mas sim dos soffrimentos do povo, em consequencia da violação das leis. Eis porque os abaixo assignados, nestes dias de angustias, não appellam para a neutralidade, que revelaria medo e despatriotismo. Futuros defensores da lei, manifestam a sua franca adhesão, em qualquer arena, aos que vão ferir com o gladio da justiça o dictador, que postergou o direito, aviltando o povo e comprometendo a republica.

Se a revolução fôr vencida, cubram os patriotas o roste e extendam os pulsos ás algemas, porque seremos apontados pelo mundo culto como escravos sem brio, nem dignidade!

Viva a armada!

Viva a revolução!

São Paulo, 12 de Setembro de 1893.

A. Celso Garcia.
Adalberto Garcia.
Couto de Magalhães Sobrinho.
Ernesto Kuhlmann.
Alfredo Corrêa Dias.
José Aristides de Souza.
João Pereira Monteiro Junior.
Nabor Mattoso.
Manoel d'Azevedo Castro.
Virgilio Araujo.
Raphael P. de Camargo.
Germano França.
Jayme Soares do Nascimento.
Ulysses de Carvalho.
Hygino Chaves de Camargo.
Raul Chaves de Camargo.
Adolpho Araujo.
Raul Renato C. de Mello.
Antonio Gomes de Almeida.
Arthur Rebouças Leme.

Manoel A. de Castro.
Acrisio Gama.
Octavio de Barros.
Joaquim Teixeira Junior.
João Teixeira das Neves.
João Odorico da Cunha Gloria.
João Alves Ferreira.
Mariano Rodrigues de Siqueira.
P. P. Martins Junior.
Alberto Cardoso de Mello.
F. Lopes de Moraes.
Jorge Militão de Souza Aymberé.
J. J. Teixeira de Carvalho Filho.
Modesto Carvalhosa.
Luiz Cintra.
Ataliba Rolim.

(Seguem as assignaturas, que serão logo publicadas).



AVISO

O Rebate é orgam dos estudantes opposicionistas da capital.

REDACTORES PRINCIPAES:—Adolpho Araujo e A. Celso Garcia.

REDACTOR-SECRETARIO:—Gomes de Almeida.

REDACTORES:—Ulysses de Carvalho, Jayme do Nascimento, Armindo Freire.

